

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies* e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*

In/visibilities: dissidences about “passing” as cisgender in trans studies and the communities of trans people in Reddit

Taís Severo

Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Brasil. E-mail: tais.s.casagrande@gmail.com

Nísia Martins do Rosário

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, Brasil. E-mail: nisiamartins@gmail.com

Resumo:

Este trabalho objetiva delinear certas disputas políticas e de sentido que emergem dos acionamentos sobre a in/visibilidade transgênero em comunidades de temática trans no *Reddit*. Confrontamos uma revisão teórica dos *transgender studies* a uma etnografia digital realizada nas comunidades de pessoas trans na plataforma de fóruns *Reddit*, ressaltando seus pontos de encontro e de divergência, e utilizando como eixo analítico as instabilidades do dispositivo de “passar” por cisgênero. Por fim, demonstramos que o projeto identitário dos *trans studies* sofre resistência nas comunidades do *Reddit*, que mobilizam a subjetividade em múltiplos significados para efetuar a construção da cisgeneridade nos corpos trans.

Palavras-chave:

Estudos de gênero; Transgênero; *Transgender studies*; *Reddit*; Passar.

Abstract:

This paper aims to delineate certain political and meaning disputes that emerge from the uses of transgender in/visibility in trans-themed communities on Reddit. We confront a theoretical review of transgender studies to a digital ethnography carried out in the communities of trans people on the forum platform Reddit, highlighting their points of encounter and divergence, and using as analytical axis the instabilities of the device of “passing” as cisgender. Finally, we demonstrate that the identity project of trans studies suffers resistance in Reddit communities, which mobilize the subjectivity in multiple meanings to effect the construction of cisgenerity in trans bodies.

Keywords:

Gender studies; Transgender; *Transgender studies*; *Reddit*; Passing.

1 Introdução

A internet tem proporcionado que pessoas trans estabeleçam conversações com seus pares, compartilhem informações sobre as tecnologias e corporalidades afirmativas do gênero, e acessem histórias de vida que demonstram e inspiram práticas discursivas, alterando inexoravelmente os rumos dessas existências. Nesse contexto, encontramos uma multiplicidade de vozes empenhadas em informar, debater e dar suporte nas comunidades de temática trans do *Reddit* – plataforma de fóruns digitais com mais de 50 milhões de usuários ativos por dia¹. O ecossistema de comunidades de pessoas trans no *Reddit*, centrado no fórum *AskTransgender*, configura um espaço em que são compartilhados saberes fundados tanto em narrativas pessoais como nos ativismos e na literatura científica, e que incentiva uma perspectiva abrangente da variação de gênero enquanto expressão de uma subjetividade individual e legítima. A manutenção de um espaço seguro às discussões dos temas trans e que, por meio da coletividade, depura e aprimora suas perspectivas sobre esses assuntos, mostra-se fértil, pertinente e relevante aos estudos de gênero na comunicação.

Essas comunidades, no entanto, são cercadas de pontos de contenção que permanecem em vigorosa disputa. Ao longo dos cinco anos em que participamos dos fóruns de temática trans do *Reddit* e onde realizamos uma etnografia digital², percebemos que as problemáticas acerca da in/visibilidade da variação de gênero, particularmente no dispositivo de “passar” por cisgênero, revelam uma controvérsia que gera profundas fragmentações. Além disso, fazem emergir sentidos contraditórios – muitas vezes reproduzindo normatividades cis-binárias e paradigmas essencialistas que vão contra as perspectivas afirmativas às identidades e experiências trans.

Sendo assim, para compreender as contestações internas que dividem essas comunidades, bem como as transnormatividades que perpetuam discriminações e opressões de parte a parte, buscamos o apoio de um campo teórico que expõe e caracteriza esses conflitos, mas também parte do pressuposto da legitimidade de seus sujeitos. Assim, ao optar pelos *transgender studies*, procuramos acionar uma das

¹ Informação disponível em: <<https://www.redditinc.com/press>>. Acesso em: 10/08/2022.

² SEVERO, Taís. **In/visibilidades**: A constituição dos mundos trans nos *transgender studies* e nas comunidades do *Reddit*. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UFRGS, Rio Grande do Sul. INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

investidas iniciais das próprias pessoas trans em perscrutar e discutir teorias sobre suas vivências em relação ao sistema sexo/gênero, mobilizando uma multidisciplinaridade acadêmica e, ao mesmo tempo, valorizando os atravessamentos pessoais. Como aponta Stryker (2006), os *trans studies* são uma proposta crítica que considera a experiência corporificada de seus sujeitos, ao proclamar um saber constativo de si como um componente fundamental da análise do fenômeno trans.

Em nossa metodologia, utilizamos a etnografia digital como ferramenta de investigação adequada às pesquisas em espaços digitais de convivência. Para produzir análises a partir das comunidades de pessoas trans no *Reddit* e seus sujeitos, acionamos a observação participante e crítica – nos aproximando destes locais como integrantes, mas mantendo o autoquestionamento a respeito do que absorvemos. Hine (2015) atesta que a etnografia nos permite compreender ampla e profundamente como as pessoas constroem sentidos na narrativa de suas vidas – inclusive nos ambientes que se formam na internet. Entre as vantagens do método está o fato de que os textos – enquanto pacotes de interação deslocados no tempo (HINE, 2000) – são produzidos e consumidos de forma independente. Esta característica produz um duplo efeito. Para os usuários dos fóruns, os diálogos se mantêm vivos por mais tempo, possibilitando o desenvolvimento de discussões mais longas e a entrada na conversa em momentos diversos – o que aumenta a participação dos membros e a longevidade do tópico e suas informações. Para os pesquisadores, esses textos permanecem disponíveis para além das circunstâncias em que foram gerados, deixando um legado na forma de arquivos que serão consultados na coleta de dados – ampliando radicalmente sua acessibilidade e proporcionando novos escopos e abordagens analíticas. Sendo assim, selecionamos relatos e depoimentos deixados nas discussões dos fóruns do *Reddit*, escolhendo as que se mostraram representativas das opiniões daqueles públicos, bem como outros que demonstram linhas de fuga significativas.

Neste artigo, o recorte apresentado se refere às múltiplas dissonâncias de sentidos que envolvem o ato de “passar” por cisgênero, um dos temas centrais que emergiram não apenas durante o percurso etnográfico, mas também no encontro com os *trans studies*. Esta prática, que detalhamos a seguir, objetiva invisibilizar a condição transgênero de uma pessoa diante da sociedade – a fim de evitar os efeitos da discriminação e do preconceito, e conquistar uma vivência semelhante às contrapartes

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

cisgênero. No entanto, a estratégia também causa a invisibilidade dos indivíduos trans e fere sua mobilização política, como ressaltado pelas autoras associadas à criação dos *trans studies* (STONE, 2014; BORNSTEIN, 1994). As pessoas trans que ocupam as comunidades do *Reddit*, no entanto, tensionam essa compreensão, adicionando múltiplas camadas de subjetividade não somente a “passar”, mas também à própria teorização acerca do gênero e do acontecimento trans. Tal complexidade é o que buscaremos destacar.

2 Problematizando a prática de “passar”

Mais do que qualquer outro assunto, as pessoas trans binárias do *Reddit* debatem incansavelmente os desejos, as angústias e os dispositivos de “passar” – que grafamos entre aspas seguindo Overall (2012), apontando que “passar” é uma perspectiva baseada em dois erros ontológicos: uma compreensão errônea do que é a identidade de gênero e uma crença incorreta nos contrastes e diferenças entre pessoas trans e cis. Sendo assim, o uso de aspas busca salientar que a expressão, em si, é uma forma de opressão linguística normativa, fundada em um “equivoco metafísico” sobre a constituição do gênero (OVERALL, 2012, p. 204). “Passar por cisgênero” está presente em parte significativa das discussões do fórum *Asktransgender* e em comunidades afins. O conceito de identidade transgênero acionado por essas comunidades parte da autoidentificação enquanto inegociável, e rejeita as etiologias patologizantes que conformaram as identidades trans no século XX. Ao mesmo tempo, esse conceito está calcado em uma narrativa re-essencialista que pressupõe a inevitabilidade neurológica e congênita do sexo/gênero. Tal enquadramento delinea uma “condição trans” que exige resolução: o processo de transição de gênero que, em sua consequência ideal, faculta à pessoa trans conquistar a vivência legítima no grupo cisgênero correspondente à sua identidade. As tipologias consolidadas pelos *trans studies* aproximariam esses acionamentos ao paradigma transexual; no entanto, este é um termo rejeitado com veemência pela maioria das pessoas trans no *Reddit*, por seu histórico medicalizado e pela associação linguística à sexualidade. “Transgênero”, então, é adotado como uma alternativa incontestavelmente mais plural, estabelecido através da consolidação de um discurso em que a cirurgia transgenital é uma opção,

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

entre tantas outras, na transição – ou seja, a genitália não tipifica uma identidade de gênero. Apesar disso, como pretendemos demonstrar, o uso de “transgênero” no *Reddit* apresenta dissidências a este projeto identitário e político como delineado pelos *trans studies*.

A um corpo trans, “passar” por cisgênero é um dispositivo acionado por uma série de fatores, incluindo aparência física do rosto e do corpo; comportamento, postura, gestuais e maneirismos; tom de voz e padrões de fala; roupas e acessórios; entre outros. Seu objetivo, na versão mais vigorosa, é apagar, modificar e/ou substituir de forma completa os signos reconhecíveis do gênero designado no nascimento. No entanto, alguns fatores, como os imutáveis (altura, por exemplo), a confiança adquirida (que corrobora desvios normativos) e o político (que influencia um compreender a si enquanto trans, mais do que emular, ou mesmo rejeitar a emulação de indivíduos cis), formam versões menos incisivas, idealizadas e binárias de “passar”. Processo que leva tempo variável e depende do acesso às tecnologias e próteses de gênero necessárias, a prática é relacionada a uma vitória pessoal e um alívio dos temores e da ansiedade. Como aponta Stone (2014): “A coisa mais crítica que um transexual pode fazer, o que constitui sucesso, é ‘passar’. Passar significa viver com sucesso no gênero escolhido, ser aceito como membro ‘natural’ daquele gênero. Significa a negação da mistura” (STONE, 2014, p. 14, tradução nossa).

De forma geral, o espaço identitário transgênero no *Reddit* indica um liberalismo individualista que orienta essas pessoas a reconstruírem a partir de si, e somente para si, a vivência e a expressão do gênero informadas pela subjetividade. É esse caráter, a multiplicidade de alternativas, que permite que “passar” seja um objetivo opcional e flexível às diversas identidades sob o guarda-chuva transgênero. Apesar de respeitar a pluralidade de vivências e experiências, parte significativa do público trans do *Reddit* vê “passar” como resultado ideal da experiência de uma transição, e é possível perceber uma hierarquia de valores, especialmente em comunidades de fotografias de si (*selfies*) como *TransAdorable* e *TransTimelines*, onde quem “passa” com maior êxito acumula maior capital social. Além disso, a preocupação em “passar” gerou a criação do *TransPassing*: um fórum dedicado para que seus membros publiquem *selfies* e recebam as opiniões da comunidade sobre o

quão bem estão “passando” em seu gênero e/ou recebam conselhos para “passar” melhor.

A inquietação, no entanto, não é recente nem restrita ao *Reddit*. As problemáticas de “passar” já vêm sendo estudadas desde o início do século XX. No que tange ao gênero, o registro histórico mais antigo data do ano 1394 (HENNINGSEN, 2019), e é observado com frequência a partir do século XVIII (FEINBERG, 1992). Em sua forma mais abrangente, “passar” é compreendido como o movimento de um grupo identitário a outro, em geral da marginalidade para o centro – simultaneamente provocando leituras contraditórias: a) de uma traição ética e/ou moral da própria identidade e/ou de uma cultura vigente; b) do desenvolvimento e da implantação de estratégias complexas de sobrevivência, que buscam resguardar contra discriminações e preconceitos; e c) de um deslocamento para um lugar ou situação que possibilita a verdadeira expressão e realização de si (MORIEL, 2005). Além do gênero, “passar” é observado nas esferas da etnia, da sexualidade, da classe e da religião (HARRISSON; COOLEY, 2012; MORIEL, 2005), entre outros.

Nos *trans studies*, “passar” é também um tema prolífico. De fato, o campo de estudos nasce de um chamamento à resistência contra a assimilação contida em “passar”, aceitando e valorizando um local não-estável. Como propõe Sandy Stone (2014) em *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, publicado originalmente em 1991 é considerado o texto fundador dos *trans studies*, desconstruir a obrigatoriedade de “passar” é um movimento necessário, que demanda que as pessoas trans se responsabilizem por seu histórico e rearticulem suas vidas não como uma série de apagamentos, mas como uma ação política que começa pela reapropriação da diferença – e pela retomada do poder contido em um corpo reconfigurado e reinscrito (STONE, 2014, p. 16). Para a autora, o potencial de mudança social reside na ocupação do espaço irrepresentável da multiplicidade de corpos não-normativos, rejeitando a narrativa do “corpo errado” e constituindo as pessoas trans não como uma classe, mas como uma categoria: um conjunto de textos corporificados, com potência para a disrupção produtiva de sexualidades estruturadas e para a exploração do desejo (STONE, 2014, p. 14).

Para viabilizar essa empreitada, Stone conclama as pessoas transexuais a tornarem-se visíveis. Para a autora, “passar” apaga a experiência vivida antes da

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

transição, impossibilita relacionamentos sinceros, e impede uma vida alicerçada nas possibilidades intertextuais físicas e subjetivas do corpo transexual (STONE, 2014, p. 14). Emergir da invisibilidade e adquirir voz permitiria, então, expressar e sedimentar a perspectiva de que o gênero é uma rica e complexa estruturação de identidade e desejo – ou seja, mais diverso do que a naturalização normativa dá a perceber. No entanto, Stone não ignora que “passar” é um objetivo real e potente: “Eu não poderia pedir nada mais inconcebível a uma pessoa transexual do que abrir mão de passar, de ser conscientemente ‘lido’, de ler-se em voz alta” (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa). Na visão da autora, é essa inquietante e potente leitura que permite escrever a si mesmo nos discursos onde se foi inscrito e, efetivamente, tornar-se pós-transexual.

Dando continuidade às estratégias descritas por Stone, Bornstein (1994) é também bastante crítica à prática de “passar”. Para a autora – que assume, defende e propõe uma posição identitária sem gênero, ou contra o gênero –, o conceito de “passar” está embutido na acepção cultural da transexualidade e, com isso, pessoas transexuais não questionam o sistema de gênero que suas existências poderiam debilitar. Pelo contrário: por meio do encargo de “passar”, a cultura usa as pessoas transexuais para reforçar o sistema binário de gênero (BORNSTEIN, 1994). Definindo a prática como uma forma de fingimento e uma resposta subjugada ao imperativo cultural de que é necessário ser de um gênero ou de outro, Bornstein percebe que “passar”, com efeito, “se torna manifestação de vergonha e capitulação. Passar se torna silêncio. Passar se torna invisibilidade. Passar se torna mentira. Passar se torna renúncia” (BORNSTEIN, 1994, p. 125, tradução nossa).

Apesar dessa perspectiva, Bornstein descreve que também procura “passar” – para evitar ser vítima de violência, para não ser vista como uma aberração, e para realizar o sonho de viver como mulher (BORNSTEIN, 1994). De fato, apesar de adotar um posicionamento político e identitário que procura se desvencilhar da normatividade e da compulsoriedade do gênero, a autora descreve de maneira contundente os efeitos subjetivos de não “passar” – nesse caso, através dos afetos do pronome invertido:

Quando eu preparava a versão final desse livro, alguém que eu conheço apenas de vista veio à minha casa [...]. Em uma conversa casual, ele escorregou em um pronome e se referiu a mim como “ele”. Deixe-me contar o que aconteceu, da forma como se passou dentro da minha cabeça. O mundo desacelerou, como nos filmes em que alguém está levando tiros

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

e o cineasta quer que você sinta cada bala entrando em seu corpo. As palavras ecoaram em meus ouvidos repetidamente. Anexo ao simples pronome estava a palavra ‘fracasso’, seguida imediatamente pela palavra ‘aberração’. Toda a alegria retirada da minha vida naquele instante [...] Ali estava alguém que jamais havia me conhecido como homem, se referindo a mim como homem (BORNSTEIN, 1994, p. 126, tradução nossa).

Dessa forma, o relato de Bornstein demonstra a contradição que reside no dispositivo de “passar”: conformidade e apagamento, mas também realização, inclusive pela invisibilidade. Percebendo a dicotomia, Prosser (1998) propõe que “passar” é manifestação distinta nos projetos identitários transexual e transgênero – sendo o segundo modelo mais adequado às identidades não-binárias. Na perspectiva do autor, e como encontramos no *Reddit*, para a pessoa transexual “passar” é um alívio e um lugar de conforto que alinha a identidade interna com a social – e permite que o mundo veja essa pessoa da mesma forma que ela própria se vê e sente. Já para a pessoa transgênero, no desdobramento mais alinhado às teorias *queer*, “passar” é o oposto: um fenômeno que deontologiza o sexo e o gênero, e este fazer do gênero desestabiliza profundamente a realidade de um “ser” (PROSSER, 1998).

Entre essas perspectivas, outros autores buscam desarmar a dualidade. Moriel (2005) afirma que “passar” rompe a suposição subjacente de que estereótipos de gênero espelham traços identitários inerentes, e nos liberta para examinar um espectro amplo de possibilidades. Da mesma forma, Overall (2012), falando a partir de uma posição cis-feminista, argumenta que “passar” não é fraude ou mentira porque tais interpretações são baseadas em uma deturpação da representatividade trans – o enquadramento transfóbico que caracteriza a pessoa trans como alguém que finge ou mascara uma verdade essencialista, ligada ao gênero designado no nascimento como um fato imutável. Ao contrário, para Overall, as “aspirações de gênero são, de fato, bastante públicas: manifestam o gênero com que se identificam. Gênero é o que o gênero faz. A pessoa trans está fazendo gênero, da mesma forma que a pessoa cisgênero” (OVERALL, 2012, p. 207, tradução nossa).

3 A resignificação da subjetividade em “passar”

As comunidades de pessoas trans no *Reddit* tensionam as propostas de abandonar o dispositivo de “passar”, ressaltando um bem-estar individual que se

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

coloca como prioritário a qualquer convocação política. Além disso, percebemos que a prática é retratada como uma forma de acessar as experiências de vida “normais” e normativas, consideradas reservadas às pessoas cisgênero: nos relatos encontrados no *Reddit*, cis e trans emergem como opostos diretos. Por força da hegemonia e de uma idealização proporcionada pela naturalização do discurso normativo, o privilégio cis é a cidadela murada onde habitam apenas os que se identificam com o gênero designado no nascimento. Uma vez que cis e trans se colocam como pares opostos, e “passar” é um dispositivo temporário e revogável, os públicos trans do *Reddit* informam, com insistência, que “passar” por cis não é o mesmo que *ser* cis. No entanto, afora certos aspectos irrelevantes às relações cotidianas, os resultados e efeitos são os mesmos. Ou seja: ao analisarmos a ordem do discurso encontrado nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, notamos que “passar” por cis é também produzir cisgeneridade, causando o apagamento da diferença e do histórico gênero-divergente – o que é majoritariamente ressaltado de forma crítica, e mesmo negativa, nos *trans studies*.

No entanto, a análise de Stone (2014), que ecoa nos *trans studies*, ignora que “passar” é um processo que também se refere ao espelho, como êxito sobre a incongruência e a disforia. Muitas vezes, nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, “passar para si” é tão importante quanto “passar” para a sociedade – pois indica reconhecer o próprio gênero ao olhar para si mesmo. Como exemplo, em duas conversações na comunidade *AskTransgender*, em 10/2019 e 05/2018, respectivamente, percebemos esse enfoque:

MammothMoth³: existe o momento em que você verdadeiramente passa para si mesma? Três anos e eu ainda luto contra a depressão porque não sei até que ponto eu vou passar um dia – especialmente para mim mesma. E é esse o problema, não é? Eu nunca vou não-ver minha versão antiga. Meu médico me disse recentemente: o problema é que você se vê com sua cabeça, todo mundo vê você com os olhos.

UnusualCrow: desde que eu comecei a me apresentar no meu gênero, eu logo estava passando. [...] Embora eu esteja contente (mas não feliz) com minha aparência, se eu olho por muito tempo em fotos recentes ou no espelho, eu penso: “Como diabos eu passo?” [...] Como é possível que eu passe tão facilmente para estranhos ou amigos pós-transição, mas se analiso minhas fotos, eu sinto que não passo? [...] Então, o que está acontecendo? E mais importante, vai passar? (sem trocadilho) Isso melhora à medida que

³ Os nomes de usuário foram trocados para preservar a identidade dos participantes.
INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

o tempo passa? Essas características [masculinas] que eu não quero são mesmo reais?

De forma semelhante, em *post* na comunidade brasileira *TransBR*, a dificuldade de autorreconhecimento provoca dúvida sobre o resultado de interações sociais:

ChillSpecter: [...] Estou em transição faz aproximadamente 1 ano. Como as pessoas tratam vocês em situações tipo uber ou caixas de mercado? Como saber se as pessoas são apenas politicamente corretas ou se de fato consegui ser passável?

Esses relatos, entre outros, indicam os desafios de perceber a própria imagem, e a instabilidade em construir uma perspectiva de si, em especial nos momentos em que as mudanças ainda estão em curso. Em que pese a possibilidade desses olhares estarem calibrados por ideais normativos e estereotípicos da aparência de gênero e serem acionados através de uma análise excessiva que busca e ressalta qualquer desvio do padrão, é necessário considerar a dimensão subjetiva de ver a si mesmo no espaço corporificado/sexuado desejado – assim como o deslocamento disfórico do não-reconhecimento que persiste durante a transição. Esse é um sentido que não encontramos em nosso mergulho nos *trans studies*, que enfatizam “passar” através de suas problemáticas política e social. Ao falharem em considerar o aspecto da autoimagem, cometem o mesmo erro que apontam em estudos médicos e sociológicos que ignoram a subjetividade das pessoas trans. Não é apenas importante para esses indivíduos serem vistos no gênero correto; é preciso também verem a si mesmos nesta posição. Nesses casos, é curioso que a palavra e o conceito de “passar” persistam mesmo quando afetam apenas a si. Apesar das comunidades no *Reddit* insistirem e validarem o gênero de pessoas trans como real, legítimo e inato, o esforço da transição parece persistir limitado a “passar”. Poderíamos conjecturar, então, que os *trans studies* não consideram “passar para si” em suas análises por julgar que o dispositivo não se aplica fora de um contexto interacional.

Nesse sentido, Bettcher (2014) vê em “passar” a ação de um dispositivo normativo e opressor que aprisiona as pessoas trans em um sistema inescapável onde ou se engana, ou se finge. Para a autora, as dicotomias estabelecidas entre aparência/realidade e expressão de gênero/corpo sexuado geram o paradoxo de uma

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

realidade em que, qualquer que seja o intuito – “passar” ou não “passar” –, a pessoa trans será relegada à sua aparência e julgada como fraude. Assim, a própria pressão de “passar” é gerada, em parte, pelo desejo de não querer ser visto, ou perceber a si mesmo, como alguém que está apenas fingindo. Para Bettcher, o duplo vínculo enganar/fingir demonstra que o mecanismo do “passar” se torna possível pelas tecnologias de gênero disponibilizadas, mas, ao mesmo tempo, é construído como inevitavelmente artificial pela mera existência e funcionamento dessas tecnologias. A autora nota nessa caracterização a força discursiva da sexopolítica, que propicia a produção da abjeção para reforçar as regras do que é considerado normal e natural.

Uma vez que está ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente, ela então será confrontada por uma opção sem vitória: tentar passar (e correr o risco de ser exposta como fraude) ou revelar a si mesma (e admitir que estava fingindo ou enganando). E na medida em que não estiver ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente ou, se for preciso controlar a informação que circula e está disponível sobre seu gênero, ela ainda pode ser representada como quem finge. Com efeito, como a apresentação de gênero e o corpo sexuado são vistos dessa forma (uma correlação entre aparência e realidade), em todas as permutações possíveis, a pessoa trans terá sua identidade relegada à mera aparência, e se encontrará ou exposta a acusações de má-fé, ou relegada a alguém que brinca de faz de conta (BETTCHER, 2006, p. 183, tradução nossa).

Nesse sentido, Harrison e Cooley (2012) propõem que uma análise ética sobre “passar” precisa considerar os contextos e as condições de opressão em que o dispositivo é mobilizado. Serano (2016) também aponta que na palavra “passar” está embutido um sentido repressivo, sendo um artifício que transfere a culpa do preconceito do grupo majoritário para as intenções e ações presumidas do grupo minoritário – “o que explica porque as pessoas que ‘passam’ são frequentemente acusadas de estar enganando ou se infiltrando, no caso de serem descobertas” (SERANO, 2016, p. 177, tradução nossa). O ato, muitas vezes julgado ofensivo, já foi crime. Feinberg (1992) aponta que, no século XVII, homens trans – e mulheres se disfarçando de homens para escapar da desigualdade e opressão – que “passavam” eram sentenciados à morte, queimados ou arrastados por uma carroça. No entanto, o fenômeno era corriqueiro: “Passar era tão comum durante os séculos XVII e XVIII que foi tema de romances, biografias ficcionalizadas e memórias, arte, peças de teatro, óperas e canções populares” (FEINBERG, 1992, p. 17, tradução nossa).

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

Além de buscar a pacificação da percepção e da imagem de si, os motivos para “passar” informados pelas comunidades de pessoas trans do *Reddit* incluem evitar os preconceitos, as violências e as discriminações específicas dirigidas às pessoas trans e assegurar uma vivência cotidiana no gênero correto. Ao atingir grau de mudança ou correção suficientes para “passar”, a pessoa trans, em suas interações corriqueiras, busca tornar invisível sua condição. Para todos os efeitos, diante da sociedade, deixa de ser trans. Pois é vista, percebida, decodificada e tratada como cis; interage com outras pessoas como cis; utiliza sem barreiras os espaços reservados ao seu gênero enquanto cis, como banheiros e vestiários de clube/academia; sofre sexismo/misoginia como cis; se relaciona romanticamente como cis; em casos em que foi realizada a cirurgia transgenital, se envolve sexualmente como cis; enfim, nestes e em outros acionamentos, recebe temporariamente o privilégio cissexista. Estes acionamentos são exemplificados em *post* de 10/2019, cujo título pergunta: “Pessoas trans do *Reddit* que passam, fazer a transição lhes dá os ‘benefícios’ que o outro gênero diz ter?”

CandyClam: em geral, quando você é aceita, [ocorre] maior intimidade natural entre as mulheres; e maior ocorrência de homens interrompendo quando você fala. Ou não ser levada a sério – opiniões de colegas homens são preteridas às suas porque eles são homens. Então, sim. Pessoas trans que passam são tratadas como seu gênero. Para o bem ou para o mal.

É particularmente sintomático o depoimento de CandyClam ao demonstrar: a) um efeito possível da transição binária de gênero, levando de um limite da fronteira ao outro; b) como “passar” habilita as mesmas vivências sociais das pessoas cis, sejam positivas ou negativas; e c) como os estereótipos de gênero absorvem da mesma forma pessoas cis e pessoas trans que “passam”, higienizando o desvio e naturalizando os papéis de gênero.

A alta frequência dos posts sobre “passar” provoca reações no fórum *AskTransgender*. Alguns membros criticam o que percebem como uma ênfase insistente, desagradável, imatura e/ou pouco saudável sobre o assunto. Como resposta, outros usuários pedem que suas preocupações com “passar” não sejam diminuídas ou questionadas. Como exemplo, na discussão postada em 06/2019, intitulada “Será que podemos não subestimar o fato de não passar?”, a usuária WaxHydra faz uma reclamação. Ela aponta que parte da comunidade subestima a dor e as dificuldades

vividas por quem “não passa”, e relata ansiedade em suas interações sociais – demonstrando que, mais do que qualquer projeto identitário ou genitália, é a aparência do gênero que define a interface com o mundo.

WaxHydra: [...] Digo isto como uma pessoa que começou transição e terapia hormonal há cinco anos e ainda não passa de nenhuma forma. Dizer que minha vida está parada é a melhor maneira de me descrever, ainda que faça esforço para expressar quem eu sou aos outros. Todo dia alguém me puxa pra baixo ao interagir comigo me tratando como alguém que eu não sou. É um problema que me empurra para o suicídio.

Parascythe: isso tudo de passar/não passar é algo tão complicado de navegar. Em um nível pessoal, passar pode ser super importante. Em um nível mais amplo, o fato de que a sociedade exige que a gente passe é uma merda. É assim que eu vejo. Não deveríamos exigir que nenhuma pessoa passe para ser tratada com dignidade e respeito em seu gênero. Mas também devemos providenciar bons tratamentos para ajudar as pessoas a passarem. Eu não acho contraditório dizer que ninguém deveria passar para ser aceito, e que passar é absolutamente importante para muitas pessoas trans; elas não devem ser constrangidas por isso.

Dentre os comentários que o tópico recebeu, destacamos a ponderação de Parascythe, demonstrando uma das dualidades que envolvem “passar”: um nível pessoal, onde a aparência do gênero correto tem importância na confiança e na autoestima; e um nível relacional, sendo escudo ao preconceito e à violência. Percebemos, portanto, que “passar” envolve uma questão comunicacional: comunicar o próprio corpo para si, e comunicá-lo para o outro. Sendo assim, a comunicação de um gênero cis atrela respeito e capital social à compulsoriedade do “passar”: seja no apagamento da condição trans, que cede privilégio cissexista condicional, seja atingindo as pessoas abertamente trans que “passam”. Nesses casos, ao não misturar expressões de gênero nem confrontar a normatividade, “passar” caracteriza uma pessoa transexual assimilável ou domesticada, que se ajusta à binariedade, configurando uma pessoa trans que não se parece com seus pares. Parascythe critica a exigência de “passar” em sociedade, mas também defende a ampliação de tratamentos médicos para que a prática seja mais disponível; e indica que “passar” não deveria ser obrigação, mas também que não se deve condenar quem tem esse objetivo. Ao demonstrar algumas das dicotomias dessa situação, a usuária evita um julgamento unilateral e prefere deixar a cargo de cada pessoa trans, em sua transição, a decisão por “passar” ou não – ao mesmo tempo condenando a postura higienista do cissexismo.

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies* e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

Não há, no entanto, resolução do problema semiótico, pois continua presente a ruptura significativa que os corpos trans provocam nas esferas centrais e hegemônicas da cultura.

Em outros casos, a questão parece mais peremptória. A resposta da usuária Pignite rechaça uma alteridade inerente à condição trans, afirmando o desejo de apagamento da diferença:

Pignite: eu quero ser tratada como uma mulher. Não uma mulher trans; uma mulher. E a maioria das pessoas não consegue fazer isso naturalmente com alguém que não passa, elas precisam fazer um esforço. Eu não quero que elas façam esforço. Eu quero que seja natural. Além disso, ser trans é perigoso. Se você não passa, você pode ser estuprada ou assassinada ou espancada até a morte, ou ser encurralada em um banheiro ou qualquer outro lugar, ou mesmo apenas sofrer a boa e velha agressão verbal. Passar é uma questão de segurança. Poder passar por cis faz com que viver seja muito mais seguro para nós.

A autora do comentário ainda ressalta que não é suficiente ter seu *status* de mulher acomodado por uma compreensão política que legitime seu gênero: ela quer “que seja natural”, marcando no termo essencialista a visão de uma normalidade da qual não faz parte, e que só pode ser acessada através de “passar” por cisgênero. Esse viés é indicado por Ekins e King (2006), ao apontar que muitas pessoas trans procuram apenas uma confirmação de seu gênero: “Para estas, foi o processo social que as identificou e classificou erroneamente. Elas meramente buscam o que, para elas, é a identificação correta” (EKINS; KING, 2006, p. 28-29, tradução nossa).

Outro depoimento no mesmo *post* sugere uma análise crítica do desejo por “passar” – oferecendo resistência ao tema do tópico, que pede que o dispositivo não tenha sua legitimidade e importância questionadas. O comentário sugere uma reflexão a respeito da ansiedade em “passar”, apontando que esta é induzida por uma sociedade discriminatória que jamais está satisfeita:

Misteroid: se você acha que passar é importante, seus sentimentos são completamente válidos. Eu sugiro que você dedique um pouco de tempo a examinar porque, exatamente, você se sente dessa forma; porque pode ser apenas resultado de pressão externa e ansiedade. [...] No fim das contas, no entanto, esse não é um problema *nós*. É um problema *elas*. Nós existimos, não importa como as pessoas cis nos vejam. É contraproducente continuar normalizando essa atitude, de que nós precisamos agradecer pessoas que irão nos tratar como merda de qualquer forma, ou quando descobrirem quem

nós realmente somos. E fica muito próximo de justificar o escárnio dirigido a aqueles de nós que são incapazes de passar, ou não se interessam por isso.

Embora Misteroid inicie o comentário demonstrando respeito ao desejo de “passar”, suas palavras são uma crítica clara a ceder à ansiedade pela assimilação. Outro testemunho busca dar equilíbrio às duas perspectivas: o convívio entre existência política e ativista e o desejo de “passar”.

SupremeApple: eu sou uma ativista trans visível e vocal. Eu estou no rádio, faço palestras, organizo eventos na comunidade, etc. Sou abertamente trans nas conversas diárias. Normalizar a experiência trans é um dos meus maiores objetivos de vida.

Eu também quero, desesperadamente, passar – para que eu possa me parecer com outras mulheres, para estar no controle da minha própria narrativa e, apesar de viver em um local tolerante, para que eu não precise lidar com pessoas transfóbicas.

É perceptível, nas discussões do *Reddit*, que a experiência de “passar” é percebida como uma forma de alcançar vivência semelhante à da maioria cisgênero. A perspectiva é apontada por Stryker (2017), ao afirmar que “passar” como pessoa cisgênero-normativa permite um tipo de acesso ao mundo que é frequentemente bloqueado diante da percepção ou identificação como trans. A alteridade da gênero-divergência, então, além de indesejada, é inevitável. Ao ser percebida como trans, essa pessoa se torna alvo de reações que incluem desconfiança, curiosidade, ostracismo e violência – em suma, carregam o potencial de configurar um “outro” aberrante. Como afirma Preciado (2019), ao atravessar a fronteira do gênero, tal qual um migrante, o corpo perde tanto cidadania quanto humanidade; lhe é removido o estatuto da cidadania política, e passa a ser um corpo que já não é reconhecido como um corpo humano.

Tais efeitos de desumanização surgem nos fóruns de temática trans do *Reddit* através de afirmações como “é passar ou morrer”. Embora o contraponto recorrente seja de que “passar” não é o objetivo da transição (e sim a melhoria das condições e da qualidade de vida a partir da resolução ou da atenuação da disforia de gênero), fica claro que o efeito é comumente percebido como única forma de resolver a própria condição trans – permanecer no corpo desumanizado surge como insuportável, reflexo da visão de si e do efeito supressor da cisnormatividade.

VagueFish: [...] Se eu passo? Essa é uma pergunta difícil. Eu tenho certeza que uma boa porcentagem das pessoas com que eu interajo jamais irão considerar que eu poderia ser trans. E tenho certeza que, com outras, esse não é o caso. [...] Mas em geral, estou satisfeita. Eu sou eu mesma em tempo integral, e a maior parte do mundo me trata como a mulher que eu sou. Isso é muito. E é o suficiente.

CarefulMoose: pra mim esse *post* é insano, comigo é estritamente passar ou morrer. Digo, que bom pra você, e não me entenda errado, mas essa ideia é totalmente alienígena pra mim.

IdleEel: eu acho que nós todos queremos passar. Eu só não sei por que você está tão determinada a morrer caso não passe. Você pode viver uma vida boa como uma mulher trans que não passa. Apenas exige um pouco mais de força.

CarefulMoose: não, obrigada. Minha disforia me paralisa, e especificamente a disforia social me destrói. Se eu não vou passar, prefiro não estar aqui.

Na discussão desse *post*, é possível perceber a diferença entre as visões de transição. VagueFish contenta-se em “passar” na maioria das vezes; IdleEel defende a possibilidade de uma boa vivência mesmo sem “passar”; CarefulMoose rejeita ambas as alternativas e leva em si o desafio de “passar” ou desistir de viver. Nesses casos, a visibilidade é percebida, seja pela alteridade relacional ou pela subjetividade, como pior do que a morte.

4 Considerações Finais

Nas análises teóricas e empíricas que realizamos, procuramos ressaltar que “passar” é um tema destacado nas discussões de acadêmicos e públicos trans. Percebemos em “passar” o apagamento da variação de gênero através da assimilação normativa e, nos depoimentos no *Reddit*, o potencial de escape de uma alteridade que não é apenas relacional, mas internalizada. Nesse sentido, a construção de perspectivas a partir do reforço das identidades binárias provoca contradições: “passar” produz cisgeneridade, mas quem “passa” é submetido ao risco de um desvelamento que pode lhe destituir a legitimidade. A identidade, então, permanece subjugada ao radar normativo. Mas também notamos que “passar” é a forma como muitas das pessoas trans no *Reddit* percebem a possibilidade de uma realização de si no gênero que sentem internamente. Assim, as contradições dos *trans studies*, nas oposições entre seus

paradigmas transexual (em busca do apagamento de uma gênero-divergência congênita) e transgênero (objetivando erodir e remodelar o sistema de gênero), não parecem suficientes para apaziguar as múltiplas complexidades retratadas pelos usuários trans do *Reddit* nos acionamentos de “passar”.

Com as leituras teóricas e os relatos de pessoas trans demonstrados neste artigo, não buscamos apontar um determinado autor ou projeto político-identitário como o mais correto ou equivocado. As controvérsias entre teorias e ativismos, não somente nos *trans studies* mas também nas teorias *queer*, são contínuas e parte integrante de seu desenvolvimento. Ressaltamos, ainda, que não salientamos tais embates como a derrocada de um projeto teórico; percebemos as discussões como frutíferas e necessárias ao desenvolvimento do campo, uma vez que seus sujeitos sofrem contestações normativas interseccionais e têm vidas e experiências únicas, múltiplas. Com efeito, Bettcher (2012) aponta que ambos modelos identitários, transexual (a que remetem as pessoas trans do *Reddit*) e transgênero (mobilizado pelos *trans studies*), falham ao assumir um posicionamento em que as identidades de gênero, cis ou trans, têm apenas um significado. Nesse sistema, seus sujeitos reforçam um sentido dominante, que apaga e marginaliza os demais. Além disso, a autora indica que aceitar como válidas as compreensões hegemônicas das categorias de gênero é um ponto de partida politicamente questionável, e que se volta contra os sujeitos que o propõem. “Pode ser uma estratégia útil adotar entendimentos dominantes em situações particulares. Mas me preocupo com qualquer teoria dedicada a iluminar a opressão e a resistência trans que aceita, de forma acrítica, a compreensão dominante das categorias” (BETTCHER, 2012, p. 245, tradução nossa).

As dissidências dos *trans studies*, no importante trabalho de criar novas perspectivas sobre seus sujeitos, fazem emergir complexidades que tornam as teorias contraditórias, incompletas, escorregadias. Esses textos, estudos e pesquisas não são, até agora, capazes de responder de maneira suficiente aos sentidos mobilizados pelas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. Os *trans studies* defendem uma lógica política em negar o dispositivo de “passar”; no entanto, diminuem a importância e os efeitos da subjetividade desses indivíduos. Sendo assim, torna-se evidente que este tema necessita de esforços continuados dos pesquisadores para que se possa avançar em sua compreensão, uma vez que seus engendramentos comunicacionais colocam em

evidência processos que envolvem não apenas as pessoas trans, mas incluem as pessoas cisgênero, que também estão expostos às pressões de performar correta e inequivocamente os gêneros binários hegemônicos. Os tensionamentos de “passar” continuam sem resolução imediata, e o problema social, político, e comunicacional permanece.

REFERÊNCIAS

BETTCHER, Talia. Appearance, Reality and Gender Deception. In: MURCHADHA, Felix. (ed.) **Violence, victims, and justifications**. New York: Peter Lang Press, 2006. p. 174-200.

BETTCHER, Talia. Trans Women and the Meaning of “Woman”. In: POWER, Nicholas; HALWANI, Raja; SOBLE, Alan. (eds.). **The Philosophy of Sex: Contemporary Readings**. 6 ed. New York: Rowman & Littlefield, 2012. p. 233-250.

BETTCHER, Talia. Trapped in the Wrong Theory: Rethinking Trans Oppression and Resistance. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 39, n. 2, p. 383-406, 2014.

BORNSTEIN, Kate. **Gender Outlaw: On Men, Women, and the Rest of Us**. New York: Routledge, 1994.

EKINS, Richard; KING, Dave. **The Transgender Phenomenon**. London: Sage, 2006.

FEINBERG, Leslie. **Transgender Liberation: A Movement whose Time Has Come**. New York: World View, 1992.

HARRISSON, Kelby; COOLEY, Dennis. Introduction. In: HARRISSON, Kelby; COOLEY, Dennis. (eds.) **Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed**. New York: Routledge, 2012.

HENNINGSSEN, Kadin. “Calling [herself] Eleanor”: Gender Labor and Becoming a Woman in the Rykener Case. **Medieval Feminist Forum**. v. 55, n. 1, p. 249-266, 2019.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. London: Bloomsbury, 2015.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

MORIEL, Liora. Passing and the Performance of Gender, Race, and Class Acts: A Theoretical Framework. **Women & Performance**. v. 15, n. 1, p. 167-210, 2005.

INTERIN, v. 28, n. 1, jan./jun. 2023. ISSN: 1980-5276.

Taís Severo; Nísia Martins do Rosário.

In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos *trans studies*
e nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*. p. 190-208.

DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2023.Vol28.N1.pp190-208

OVERALL, Christine. Transgender Identity and Passing Authentically. In: HARRISSON, Kelby; COOLEY, Dennis. (eds.) **Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed**. New York: Routledge, 2012.

PRECIADO, Paul. “Soy un disidente del sistema sexo-género”. [Entrevista concedida a] Anna Péres Pagès. **Àrtic**. Barcelona: Betevé, 12 de abril de 2019. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aa-RiOuYiE4>>. Acesso em: 10/08/2021.

PROSSER, Jay. **Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality**. New York: Columbia University Press, 1998.

SERANO, Julia. **Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity**. 2 ed. New York: Basic Books, 2016.

STONE, Sandy. **The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto**. 2014. Disponível em: <<http://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>>. Acesso em: 05/11/2020.

STRYKER, Susan. (De)subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. (eds.) **The Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006. p. 1-17.

STRYKER, Susan. **Transgender History: The Roots of Today's Revolution**. 2 ed. New York: Seal Press, 2017.

Recebido em: 06/10/2022

Aceito em: 14/12/2022